

ENTREVISTA A ANA MEIRA VIEIRA

31 de Agosto de 2017

ENTREVISTADA: Ana Meira Vieira

Ana Meira Vieira – Nós o peixe era na doca e o bacalhau vinha nos atrelados e era descarregado na doca dos navios pelo atrelado pelos da estiva, havia a estiva antigamente, ainda há e depois acabou o atrelado, você não vê nós com as canastras à cabeça? Isso é o atrelado, e nós estamos em cima do atrelado a deitar o peixe, o bacalhau para as canastras para depois ir para as câmaras para lotar, está a ver ali, vê, nós estamos em cima do atrelado e estes que estão em baixo, este era o Encarregado e nós estamos a pôr o bacalhau em cima das canastras, nos cestos, e depois ia para a câmara alotar, e depois acabou isto, depois começou a haver paletes e o bacalhau era alotado na estiva em paletes e depois vinha n o camião e já ia direto com os empilhadores, isto era em antes do 25 de Abril, depois deu-se o 25 de Abril, acabou isto...olhe aqui nós eramos, a seca do bacalhau, está aqui, vê? Nós fomos no cortejo a representar a seca do bacalhau que o bacalhau era lavado, você vê as masseiras? Mas as masseiras são grandes, aqui foi só a representar no cortejo, depois era estendido nas latadas, a latada está ali, ainda fomos há pouco tempo...vê, o carrinho era...as paletes eram postas aqui, antigamente ia para as câmaras depois era posto aqui e depois era estendido nas latadas com estes carrinhos, e depois ia ser apanhado seco nestes carrinhos de mão pequeninos, foi isto que fomos apresentar no cortejo, daqui da empresa de pesca, nós íamos com os carrinhos, nós apanhávamos o bacalhau, está a ver, estendido na latada... isto foi um cortejo que fizeram a representar o cortejo aqui na seca, na empresa de pesca, o bacalhau era lavado na máquina de escova, o especial, o crescido era lavado, levantava-se as coisas, tinha de ser bem lavado, o pequeno, ia para as máquinas rolante que se punha e a gente aquilo saia, uma deitava ou duas...eram duas antigamente e eram cinco a empilhar nas paletes mas depois começou a haver

assim, tínhamos que dar mais produção começou a ser uma a deitar e três empilhar e uma a tirar só, começaram a cortar ao pessoal, antigamente eram, duas a deitar, duas a tirar e cinco a empilhar e uma sempre a deitar sal, depois acabou isso, temos aqui todas, vê o bacalhau, a gente a estende-lo na latada, isto foi o carrinho a representar como se estendia o bacalhau na latada, quando estava calor tinha-se de apanhar logo se não o bacalhau recozia, recozia a pele e depois, ele ia, mas depois o bacalhau era, como se diz, ficava cozido e quando se ia deitar de molho quem o comprava desfazia e já estava cozido e o bacalhau amarelo e tudo, não podia nada apanhar calor, isto foi uma reportagem que nós fizemos, este é o que é mais antigo, está é que é a fotografia mais antiga em antes do 25 de Abril...

Centro de Mar – Essas coisinhas é que nos interessavam...

Ana Meira Vieira – Em (19)73, eu fui para lá no 27 do 06 está a ver, trabalhei lá do (19)73 até... Trabalhei lá 27 anos, que era a cédula marítima...está a ver...

Centro de Mar – Essa é como a dos pescadores do bacalhau...

Ana Meira Vieira – Isto é que é...

Centro de Mar – Vocês também tinham a cédula?

Ana Meira Vieira – Nós tínhamos, você não vê que nós tínhamos cédula é a minha cédula marítima, eu podia embarcar...era a gente podia embarcar, era o coisa do bacalhau, cédula marítima...

Centro de Mar – Também nos arranja isso? Eu faço digitalização...

Ana Meira Vieira – Depois tem de me trazer, é muito antigo, você não vê, sindicato dos pescadores...

Centro de Mar – Estes documentos...

Ana Meira Vieira – Isto já foi em (19)75, vê, isto já foi em (19)75 eu por acaso tenho isto e nós pagamos as cotas, vê, Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, de pesca, cartão e identificação que era estes cartões que nós tínhamos, isto já é muito antigo, isto era o seguro...era a nossa companhia de seguros, eu estive no seguro, isto é do coisa...e nós pagávamos os selos,

as cotas, eu por acaso tinha mais coisas mas deitei-as fora, olhe vê, (19)73, foi quando eu entrei, ainda se pagava isto olhe, entrei em maio de (19)73, está a ver, eu casei em Abril de (19)73 e fui no 1 de Maio para lá e a gente comprava estes bilhetes, era o coisa carimbado, ainda me faltam alguns, a gente pagava isto, tínhamos uma cota, estes já são azuis e queles eram verdes calhei de ter isto, não deitei fora...

Centro de Mar – Isso é muito importante...

Ana Meira Vieira – Depois deu-se o 25 de Abril e a gente lavava o peixe, o bacalhau nas masseiras, depois era tudo congelado começou a haver...pescada, tudo, lulas depois começou a empresa a ter disso também, os navios...casa dos pescadores, isto era, por acaso calhei de ter isto que não deitei fora...olha a Madalena, essas chamam-se masseiras...

Madalena – Masseiras?

Centro de Mar – Olá! Boa tarde...

Ana Meira Vieira – Ela também andou lá...

Centro de Mar – Também andou?

Ana Meira Vieira – Andou primeiro que eu, e quando casei a tia é que emprestou o vestido de casamento, eu levei o vestido da D.^a Madalena e os sapatos e tudo, eram grandes pus-lhe jornal, papéis para me servirem os sapatos, quando me casei...e depois é que fui para a seca em 73...

Centro de Mar – Muito bem, então depois também me deixa o seu contacto...

Madalena – Eu não tenho nada de especial...

Ana Meira Vieira – Ela é que não tem, pronto, olhe Madalena eu fui em 87 não é? Ou não...

Madalena – Mas você tem caderneta e eu não tenho...

Ana Meira Vieira – Ela...a caderneta marítima, eu com isto podia embarcar...esta cédula marítima eu podia fazer uma...embarcar...e andei muito tempo nos Navios...

Madalena – Eu tinha 28 anos...

Ana Meira Vieira – Olhe em (19)73, vê, entrei a 27/06/73...entrei a 6 de maio...

Madalena – Olhe, os meus cartões eram como aqueles...

Ana Meira Vieira – Era, olhe, Sindicato dos trabalhadores da Marinha Mercante...

Madalena – Eu tinha os da seca....mas queimaram tudo...

Ana Meira Vieira – E isto também, vê...

Centro de Mar – Andaram a queimar aquilo tudo não foi, a seca?

Ana Meira Vieira – Pegaram fogo, aí os papéis foi depois...

Madalena – Foram mesmo eles que queimaram...até tive uma colega que me disse “olha

Ana Meira Vieira – É porque quando eu me reformei, deu-se o 25 de Abril, depois pertencemos à caixa de apresentações da Segurança Social e queriam-me tirar os meses, meses ou 1 ano, agora não sei bem da Casa dos Pescadores e eu levei as minhas provas e depois deram-me esse dinheiro, fui buscar a minha reforma ainda da Casa dos Pescadores por isso é que eles não gostavam, a segurança social não queriam ir mexer, quando me reformei...ainda recebi, naquele tempo era, quando me reformei era o escudo ainda, recebi ainda 200 e tal contos que me iam tirar, tenho aqui isso tudo...olhe, olhe, a voltar e nós no atrelado quando vinha o bacalhau que não havia paletes, era tudo carregado, descarregado nas canastras porque ele vinha de um navio, naqueles cestos e era despejado...vinha todo enrodilhado...

Centro de Mar – Vocês começaram a trabalhar lá ainda era a pesca a linha então...

Ana Meira Vieira – Era, era lá em baixo, na doca...

Centro de Mar – E depois o bacalhau vinha dali e vinha...

Ana Meira Vieira – Vinha no atrelado...

Centro de Mar – Mas vinha quê? Carroças do...

Ana Meira Vieira – Camiões, aqueles atrelados dos camiões...e depois a carroçaria ficava...

Centro de Mar – Mas vinha um camião a trazer?

Ana Meira Vieira – Ficava o atrelado e ia buscar o outro que estava lá a encher...e depois trazia um cheio e um vazio...

Centro de Mar – E já vinha salgado então o bacalhau, vocês não...

Madalena – Nós deitávamos...e salgávamos outra vez

Ana Meira Vieira – Não...

Centro de Mar – E o sal? De onde é que vinha?

Ana Meira Vieira – Vinha das salinas...

Centro de Mar – Vocês ainda apanharam aquilo das saleiras? Traziam o sal no navio...

Ana Meira Vieira – Não, não...vinha os camiões, das salinas traziam aqui o sal para nós salgarmos o bacalhau nas câmaras...

Centro de Mar – Mas antes disso andavam as mulheres, iam buscar o sal à cabeça...as saleiras

Ana Meira Vieira – Ahhh, já não é do nosso tempo...as saleiras, aqui não havia...

Madalena – Vinham os barcos carregados com o bacalhau, o bacalhau já vinha aberto e já vinha com sal...

Ana Meira Vieira – E depois nós é que o deitávamos na câmara e depois da câmara é que era retirado para alotar, para lavar e depois era salgado, ficava lotado e depois é que ia para secar ao sol, nas latadas, não podia apanhar sol, tinha de ser posto logo seco e depois ia para a estufa para as câmaras...ela era da estufa...daqueles carrinhos de estrados e gente punha o bacalhau, dantes era de cara para cima e depois começou a haver mais ciência era da cara para baixo e pele para cima, secava mais depressa...

Madalena – Isso já não era do meu tempo...

Centro de Mar – E com que idades começaram lá a trabalhar?

Ana Meira Vieira – Aí a Madalena começou cedo...

Madalena – Eu tinha 13 anos...

Centro de Mar – 13?

Ana Meira Vieira – Eu tinha 21...

Madalena – Trabalhei dos 13 anos aos 28...

Ana Meira Vieira – Não tínhamos direito a parto, quando a gente tinha os filhos não tínhamos direito a nada...

Madalena – Nada...nem havia caixa...

Ana Meira Vieira – Nem havia caixa nem nada, só era Caixa dos Pescadores e mais nada e se tivéssemos filhos era ter e mais nada...

Madalena – Eu acho que havia caixa porque aconteceu-me a mim, eu era nova tinha 17 anos, aconteceu-me de tirar um dente e tive uma infeção, estive 3 meses no Porto, fui operada 5 vezes, eu não paguei no Porto, quem pagou? Havia de ser eles...porque metade...davam-nos 5 coroas, que era o que eu ganhava...

Ana Meira Vieira – Eu quando fui para lá ganhava, com subsídio de turno de trabalhar de noite, que eu trabalhava em 3 turnos, e ganhávamos 53 escudos, por trabalhar de noite, tinha um turno de pegar à 1 da tarde, pegávamos às 2 e meia e depois largávamos às 10 e meia, penso que era 10, pegávamos às 2 e meia e largávamos às 10 e depois pegava outro até às 10 na noite e depois tínhamos um que pegávamos às 6 da manhã, 6 e meia e largavam outras, era assim no turno, depois deu-se o 25 de Abril acabou, nunca mais trabalhamos depois de noite, depois daí tive 13 anos no infantário com os meninos...

Madalena – Eu de lá não tenho nada a dizer, não me deram a reforma não é...

Ana Meira Vieira – Havia muita fartura antigamente, mas os Encarregados...

Madalena – Eram ordinários, chamavam-nos nomes...

Ana Meira Vieira – Ai, ainda me chamaram a mim, o sr. Zé, o sr. António...

Madalena – E o Zé Maria...

Ana Meira Vieira – Eu já não sou do tempo do Zé Maria... “Oh meu pastelão de merda, não te ensinaram a fazer um carro”, atirar o bacalhau seco para os carros, depois ia para o elevador, era tão malcriado...

Madalena – E nós...

Ana Meira Vieira – Caladinhas, nem piávamos, molhadas e tudo...

Centro de Mar – Quanta gente trabalhava ali mais ao menos?

Ana Meira Vieira – Aí trabalhava muita gente...

Madalena – Vinham do Castelo do Neiva, vinha de Vila Fria, Alvarães...a pé

Ana Meira Vieira – Depois é que houve a camionete...

Centro de Mar – Antes de haver as máquinas para secar, secava o bacalhau com bom tempo...

Ana Meira Vieira – Era, a seca de cima...

Madalena – Aí...entrava...

Ana Meira Vieira – Era na estufa, chamam-se estufas...

Centro de Mar – Mas sempre houve isso ou antes...

Ana Meira Vieira – Já havia quando fui para lá...

Madalena – Quando eu fui também já tinha, eu era encarregada lá, tinha 15 mulheres por minha conta, se pegasse às 6, saía às 6 da manhã, tinha trabalhado das 10 da noite às 6 da manhã, saía, depois aquele dia não ia trabalhar tinha que dormir, depois pegava das 2 às 10 e meia e das 10 e meia...eram 3 turnos e u não era turno completo, porque era...o turno que ia descansar eu é que ia fazer o trabalho dele, depois cheguei a encarregada e depois aconteceu de o meu irmão me vir buscar...

Ana Meira Vieira – E foi para a França, quando eu fui para a seca trabalhar já não estava lá ela...

Madalena – Eu fui-me embora mas...não sei se é do tempo dela, o Baganha, aqui nesta rua disse-lhe assim “Sr. Baganha o meu irmão vem-me buscar”, “Rapariga, nem olhes para trás...”, e pertencia-me 15 quilos de bacalhau...

Ana Meira Vieira – Ah é verdade, tínhamos bacalhau, que nos dava para comer no Natal, davam 2 folhas de bacalhau, uma para o Natal e outra para o Ano Novo...

Madalena – E disse-me assim, “Vai que eu dou o bacalhau à tua mãe e dou o teu dinheirinho que te pertence”, e assim foi, aquele homem...a boa vontade que ele tinha, mas os outros eram ordinários...

Ana Meira Vieira – O Zé Maria já não trabalhou comigo...

Madalena – Eles...isto era do sr. Cerqueira que tinha uma quinta...

Ana Meira Vieira – Tinha ali a quinta na Sr.^a das Areias...

Madalena – Vinha ali e chamava-nos nomes, isto, aquilo...

Ana Meira Vieira – Chamavam muitos nomes...

Centro de Mar – Ali era quase só mulheres não era?

Ana Meira Vieira – Era e também tinha homens, os homens trabalhavam nas oficinas e na ferrugem e pintar os carros e olear o carro, o maquinista que puxava os carros...

Centro de Mar – Mas a parte da seca da salga era tudo mulheres?

Ana Meira Vieira – Era mulheres, era, não era homens...eram só mulheres, lavar era só mulheres ...

Centro de Mar – E assim mais ao menos quantas mulheres...

Ana Meira Vieira – Aí eramos muitas, na altura eram 120 e depois deu-se o 25 de Abril meteram pessoal de contrata, ui, depois foi muito...trabalhou muita mulher de contrata...

Centro de Mar – E o dia-a-dia entre vocês, como é que...

Ana Meira Vieira – Nós dávamo-nos bem...

Centro de Mar – Davam-se bem?

Madalena – Olhe, havia de tudo...

Centro de Mar – Era muita gente...

Ana Meira Vieira – Era assim, era uma vida alegre...

Madalena – Eu sou franca, já casei há 74 anos mas sou feliz mas era muito mais feliz ali a ganhar uma miséria do que sou agora porque a gente levava a borga, chamavam-nos nomes nós respondíamos e lá...outra bicava-se com o bacalhau ou fazia infeção, íamos para o seguro...

Ana Meira Vieira – Era, a cruz vermelha, mundial, confiança, era o seguro...quando cortei este dedo também estive lá...

Madalena – A mim o que aconteceu até andou nos jornais...

Centro de Mar – E o que é que foi?

Madalena – Um dente, de tirar um dente...depois com o bacalhau lá infeccionou-me...

Ana Meira Vieira – Olhe, ainda tenho ali de uma espetadela de um peixe...olhe que nunca mais me saiu, já a médica me disse “o que é que você tem”...

Centro de Mar – Mas está aí metida ou...

Ana Meira Vieira – Olhe, cresce a unha, corto e fica ali a marca, ali, nunca mais...

Madalena – Deu-nos de comer que era uma miséria...mas escravidão...

Ana Meira Vieira – Para mim, que vim de um sítio bom, que andava a servir, para mim foi...olhe tive que ir e tive que me habituar, era escravidão mesmo, andar com os fardos de bacalhau de 60 quilos à cabeça, era um quarto a pegar no fardo e a gente ia com eles para o camião e depois iam outras, quem se aguentava, aguentava, ainda tenho a cabeça aberta...

Madalena – Eu foi, vinha de lá e vinha com ele até aqui, que até as perninhas...não era gorda, era magrinha...

Ana Meira Vieira – E depois é que deu-se o 25 de Abril é que começou a ser o bacalhau a vir às caixas de 25 quilos, mas o bacalhau era enfardado nos fardos de ráfia, era tudo pesado nas balanças seco que ia da seca artificial lá para cima para o armazém e depois era amarrado com as cordas e tinha que nos dar vazão, nós, e uma a cozer o fardo, fazia-se os... e depois levava o selo...

Centro de Mar – E quanto bacalhau costumava ali...

Ana Meira Vieira – 60 quilos...

Centro de Mar – Mas a secar, quanto...

Madalena – Aquilo era tudo lotado...

Centro de Mar – Mas aquilo como é que se fazia? Era de manhã...

Ana Meira Vieira – Tinha de ser cedo, era de manhã cedo, nós pegávamos às 8 e depois à volta das 9 horas, 8 e meia e se tivesse muito calor tinha de ser apanhado depressa...porque se não levantava a pele e começava a esfolar, aquele bacalhau já estava...uma folha aqui e outra acolá, para ir...

Madalena – Também fizeram muita trifulhice ali...

Ana Meira Vieira – Porque o bacalhau, se apanhasse muito calor queimava, como na estufa, não pode apanhar calor, se apanhar calor, chapéu, e o amarelo então esse é que...

Centro de Mar – E mais ao menos, quanto tempo demorava aí a secar?

Ana Meira Vieira – Aí, o bacalhau, na estufa era de um dia para o outro, fino...mas se fosse grosso...separado, não se podia por junto, o amarelo era seco ao ar livre, tinha de apanhar cor, quando o tempo metia-se Inverno ele já apanhava assim o sal, já ganhava aquela cor depois então, metia-se o tempo de chuva então é que tinha que ir para a estufa, mas já não ficava amarelo como havia de ser, ao ar livre, ao ar livre no próprio dia é que punha o bacalhau mesmo amarelinho, quando metia-se o tempo de Inverno, aí que desgraça...

Madalena – Mas olhe que eu andei lá, mas nem que me desse dinheiro para comer o amarelo...

Centro de Mar – Mas supostamente era melhor, não era?

Ana Meira Vieira – Era...

Madalena – Eu também sou franca, desde que eu andei lá o bacalhau não tem valor nenhum para mim, nenhum...

Ana Meira Vieira – As pessoas se soubesse a maior porcaria que o bacalhau amarelo é, aí Jesus...

Madalena – E havia muita porcaria ali, a gente agora...

Ana Meira Vieira – O bacalhau amarelo assim que viesse o Inverno fica logo todo....

Madalena – Diz que há ali uma seca ali para Aveiro...

Centro de Mar – Sim, sim, faz o... essa cura tradicional...

Ana Meira Vieira – É quase como a nossa, era em Aveiro e havia outra aqui para a...eu cheguei a ir a Aveiro, havia umas latadas pequeninas, as nossas eram altas, aquilo dava-nos cabo, olhe uma vez a Jena do Pedro íamos com o carrinho e a mãe da Ana, coitada, nossa senhora, já morreu...virou a palete do peixe do bacalhau, ela ficou com o pescoço...diz ela assim para a Jena, “Aí preta doque me salvaste a vida, quase que me arriava...”...

Centro de Mar – Mas costumava acontecer acidentes assim?

Ana Meira Vieira – Aí não acontecia...

Centro de Mar – Mas graves ou assim coisas...

Ana Meira Vieira – Não...

Madalena – Algumas partiam...por exemplo quando estávamos nas câmaras, tinha de estar uma mulher em cima da pilha, a deitar o sal, sei uma a Maria que a irmã tinha a beija rachada, foi a primeira mulher que fez greve na seca...

Centro de Mar – Aí mas, chegaram a fazer greves?

Madalena – Ela chegou...

Ana Meira Vieira – Aí fizemos, e aquelas que não faziam então é que as insultaram, diz que o patrão as discriminavam...

Centro de Mar – Então estavam sindicalizadas...

Ana Meira Vieira – Estavam depois...

Centro de Mar – Mas antes ou depois do 25 de Abril?

Ana Meira Vieira – Depois do 25 de Abril, aí não, se não vínhamos todas para a rua...olhe, antigamente no dia 1 de Maio, que era o dia do trabalhador não havia dia do trabalhador, nós trabalhávamos e não havia dia nem nada, era só trabalhar...

Centro de Mar – Só depois do 25 de Abril...

Ana Meira Vieira – Trabalhava-se sol a sol...quando se deu o 25 de Abril é que foi a liberdade...da gente poder falar e abrir a boca, olha não é o Sr.º Coelho, aí não é...

Centro de Mar – Aí, eu queria apanhar o sr. Coelho...

Ana Meira Vieira – O sr. Coelho já veio muito, já eu andava para lá para aí há anos...

Centro de Mar – Ele é que tem ali a chave da seca e que queria lá ir...

Ana Meira Vieira – As masseiras...

Madalena – É arame e pau, você vê já caído...

Ana Meira Vieira – Estão todas caídas...

Madalena – Aqui por trás da seca vê-se tudo...

Centro de Mar – É, eu estive lá ontem ali a dar uma volta...

Ana Meira Vieira – As casas de banho das mulheres, olhe as casas de banho das mulheres, tem as casas de banhos das mulheres...aqui todas...

Madalena – Acho que é o Samarra...

Centro de Mar – Samarra?

Madalena – O Samarra que tem a documentação...

Ana Meira Vieira – Não, não, já morreu...

Madalena – Não, não morreu...

Ana Meira Vieira – Oh esteja calada, ao tempo que o Samarras morreu...

Madalena – Então quem foi que me disse...

Ana Meira Vieira – Oh madalena, então eu não fui ao funeral dele? Aos anos que ele morreu...

Madalena – A Junta, por estar ali a pedir um bocado de terreno para deitar a baixo, para dar a estrada mais larga e não querem dar porque eles querem fazer não sei o quê ali dentro e eles não autorizam, quer dizer, autorizam que eles deem metade do terreno...

Ana Meira Vieira – Madalena, o sr. Gomes já morreu há 20 anos...

Madalena – O Gomes já não é do meu tempo...

Ana Meira Vieira – O Samarra já não é do seu tempo, então nós fomos a Monção à casa dele, fomos ao funeral, foi o Pinto da Costa, foi o Vale Azevedo, eu vi...você não estava cá, estava na França...

Madalena – Eu fui da altura do sr. Baganha, do Zé Maria...

Ana Meira Vieira – Já morreu o sr. Carvalho...que era patrão, o Samarras está enterrado em Monção, tinha aquela ponte de pedra em Monção e ele tinha ali...o Samarras era, o marido da mulher do Sr.º Gomes...do Samarras ele era...tinha um coisa de padaria, o Samarras casou com a senhora que é de Monção e tinha uma padaria que é a mãe do Tó, é mãe da mulher do Sr.º Gomes, ele tinha uma padaria em Monção na coisa de pedra e depois o marido da mulher do Sr.º Gomes, marido, morreu num acidente, ia distribuir o pão e caiu-lhe um poste em cima do carro e morreu, a distribuir o pão que tinha uma padaria e depois o Sr.º Gomes casou com essa senhora, o que ele era parece empregado ou...e foi de onde veio para essa riqueza e fortuna que eu não sei bem assim mas parece que foi assim...e ele depois também tinha aquilo em Monção que ele tinha bens lá, a senhora tinha bens e depois ele comprou a seca que era dantes do Cerqueira e disso tudo e ele comprou a seca e prontos era um homem forte...

Centro de Mar – E está nas mãos de quem agora?

Ana Meira Vieira – Agora é dos filhos...

Centro de Mar – Do tal Cerqueira?

Ana Meira Vieira – Não, não...o Cerqueira já não tem nada a ver com isto, agora quem tem....havia quem pensasse...não estou bem a par disso, mas quem tem mais isto é o filho do Sr.º Gome, o Tó, o Sr.º Carvalho esses é que são os que têm o principal disto, quem queria comprar isto era o Val Azevedo não sei se era o da PT...

Centro de Mar – Era o do Benfica, o que esteve preso não era?

Ana Meira Vieira – Não, é outro que é rico...aquele parece que é o da PT, que o filho é um magrinho, agora está o filho, ele queria comprar isto barato e ele não vendeu, naquele tempo, é agora aquele que tem oali, também falava-se e tudo, mas isto ainda é tudo dos herdeiros do Sr.º Gomes e o Sr.º Carvalho, o Tó, o Tó está em Amarante, em Abrantes tem um filho, é enteado do Sr.º Gomes, e tem as filhas e tem o filho o Sr.º Gomes no Porto, e tinham a Casa Vilares no Porto, ali na Boavista...

Centro de Mar – Mas é o sr. Coelho agora que...

Ana Meira Vieira – O sr. Coelho ainda está a olhar por isto...

Centro de Mar – E ele vem aí todos os dias?

Ana Meira Vieira – Todos os dias...aquele senhor vem aqui todos os dias...

Centro de Mar – Onde é que costuma estacionar?

Ana Meira Vieira – Ali dentro...

Centro de Mar – Mesmo lá dentro...

Ana Meira Vieira – É mete, mete...

Centro de Mar – Mas fica todo o dia aí?

Ana Meira Vieira – Ele só vai embora lá para as 17:30 ou 17:00

Centro de Mar – Então a ver se ainda o apanho aí...

Ana Meira Vieira – Por acaso...esse senhor é que ficou, foi tudo para o desemprego, isto fechou pronto, mas que isto foi uma grande empresa...foi. Pena chegar onde chegou, tenho muita pena, a mim não me fez falta eu mal vim para o desemprego ainda ficou lá meia dúzia de pessoas a trabalhar, arranjei logo trabalho, nem sequer gozei o desemprego, eu fui logo trabalhar para a pastelaria Santa Luzia estive lá desde 2001 a 2005, por isso não estive nem 1 ano do desemprego, até o desemprego disse “admira, a sr.^a para a idade que tem arranjar depressa trabalho...” , e assim foi, não me deixou saudades mas que fez falta a muita gente fez, foi pena ter fechado isto, tenho pena, a mim não me fez falta...

Centro de Mar – Quantos anos trabalhou ali?

Ana Meira Vieira – Trabalhei 27 anos...

Centro de Mar – Uma vida...

Ana Meira Vieira – Tinha 21 anos quando fui para lá...

Centro de Mar – E portanto trabalhavam por turnos...

Ana Meira Vieira – Era, lavar...e depois estive no infantário em cima, chamava-se creche, estive lá 13 anos e tinha a cantina...antes era aquecer a comida e depois faziam comida, acho que se pagava, olhe, nem sei se eram 5 euros ou 4 euros por semana, parece que eram 5 euros, olhe, já nem sei...

Centro de Mar – Mas morou sempre aqui?

Ana Meira Vieira – Eu morei sempre aqui nesta zona, desde que casei, o meu filho tinha 6 aninhos quando saí daqui e depois mudei e fui para a que estou, onde tem aquela chaminé, aquele tubo, agora tenho esta para por a lenha e tem ali um consultório, um senhor que ajeita colunas, espanhol, mas ele agora vai abrir, ele vai vir de vez e vai abrir a Clínica nas últimas janelas, ele vai morar em cima...

Centro de Mar – Eu volta e meia...

Ana Meira Vieira – Ajeitou-me a coluna, muito bem, e lesão que eu tinha já de casada, e eu por acaso deixei-a aqui, ajeitei-a, restaurei-a toda por dentro...

Centro de Mar – Portanto isto antes de depois do 25 de Abril era muito diferente...

Ana Meira Vieira – É, modificou-se muita coisa mas tinha-se de trabalhar na mesma, dar produção, a gente já dava...

Centro de Mar – Mas já passaram a ter alguns direitos, não é?

Ana Meira Vieira – É.. subsídio de natal, subsídio de férias, trabalhava-se os feriados, gozavam-se, eu trabalhei muitas horas, fiz muitas horas, quando caíram as câmaras, trabalhei uma vez lá até as 10:30 da manhã, deitei-me a dormir era 3 e tal era 9 horas disse assim ao meu marido “Aí que barulho, tanto...”, diz ele “Tu estás boa?”, era o trabalhar das máquinas, dos empilhadores porque caiu uma câmara de peixe tinha 3 navios de peixe e podia-se estragar, peixe, bacalhau, tudo...bacalhau congelado...porque ele dantes, o bacalhau vinha escalado e salgado, depois já vinha aberto em caixas e depois era descongelado e depois era salgado e depois de salgado era lavado e outra vez salgado e depois é que ia para secar...

Centro de Mar – Depois de secar já não levava sal?

Ana Meira Vieira – Não, de seco não...

Centro de Mar – Isso não ao menos quanto tempo de chegar o bacalhau a sair, mais ao menos quanto tempo demorava?

Ana Meira Vieira – Aí o bacalhau antigamente estava muito tempo na salga, depois era menos, ao fim salgava-se, estava para ali 30 dias ou 3 semanas já ia para secar...

Centro de Mar – Um mês...

Ana Meira Vieira – Um mês, mas dantes era mais tempo, era muito melhor, agora é fácil, bacalhau da empresa da pesca de Viana era o melhor bacalhau, agora chama-se o bacalhau...

Centro de Mar – Agora vem tudo...

Ana Meira Vieira – Vem tudo, o nosso bacalhau da empresa de Viana era o melhor que podia haver, a gente tinha que dizer a verdade, olhe, deu para tudo

foi pena, eles fizeram essas câmaras frigoríficas que não haviam, que foram feitas depois do 25 de Abril...

Centro de Mar – Antes era só salgado...

Ana Meira Vieira – Era só salgado, não havia nada lá em cima, era a seca velha onde se punha lá o bacalhau seco e tudo, e nem havia roubos nem havia nada, foi pena, e havia muita coisa, muito mais...

Centro de Mar – Dê-me só aqui os seus dados só para ficarmos aqui com a fichinha, o seu nome completo?

Ana Meira Vieira – Ana Meira Vieira...

Centro de Mar – Sei que não se pergunta a uma senhora mas a data de nascimento?

Ana Meira Vieira – Nasci 19 de Outubro de 52, faço 65 anos no dia 19 de Outubro...

Centro de Mar – E é natural de...

Ana Meira Vieira – Carvoeiro, Viana do Castelo...

Centro de Mar – Isso é freguesia de?

Ana Meira Vieira – Carvoeiro, Viana do Castelo...

Centro de Mar – Tinha alguma alcunha?

Ana Meira Vieira – Só Vieira...

Centro de Mar – Nome do pai?

Ana Meira Vieira – Manuel da Mota Vieira...

Centro de Mar – E da mãe?

Ana Meira Vieira – Da mãe, Rosa da Conceição Meira...o meu pai já morreu há muitos anos, quase há 40, a minha mãe morreu faz 4 anos, ia fazer 92...

Centro de Mar – Pronto, olhe...dona Ana posso levar depois isto que depois trago-lhe? Não lhe garanto amanhã, mas depois de certeza absoluta, tenho que digitalizar...

Ana Meira Vieira – São as mais antigas...

Centro de Mar – Isto para nós é muito importante, queria levar tudo, se der...

Ana Meira Vieira – Leve...isso é como nós estendíamos o bacalhau, levava-se, isto é a latada vê-nos a pô-lo...antigamente apanhava-se o bacalhau assim com este carrinho, depois é que houve este está a ver...e depois houve paletes e punha-se o bacalhau em cima das paletes, está a ver, esta gente trabalhou toda lá...a masseira é onde a gente lavava, onde está esta moça a lavar e outra a estender e as outras apanhavam todas ali, vê este bacalhau grande? Era tudo lavado na máquina de escova, levantava-se, era o bacalhau graúdo, especial... aqui foi a representação, eu nesta fiquei tão mal meu deus, vê este moço já levou também vê...este moço trabalhou comigo, estas todas trabalharam connosco, esta e esta, aí onde está a Rosa, esta é a filha do Formiga, a São, está casada com o Moreira...éramos quase toda gente conhecida, aí esta é que é engraçada, a Rosa, magrinha! A Madalena que está na Câmara já nem sei se está reformada já deve de estar, temos muitas...a Tina, a Rosa...

Centro de Mar – Olhe diga-me uma coisa, tem algum contacto que se for preciso alguma coisa...

Ana Meira Vieira – Tenho o meu número de telefone, mas agora não tenho...

Centro de Mar – Depois quando vier trazer se puder...porque nós em princípio vamos fazer uma publicação, para convidá-la se for preciso mais alguma coisa...

Ana Meira Vieira – Aí você...

Centro de Mar – Não é para lhe dar trabalho, não se preocupe...o trabalho é para nós...eu assim levo isto digitalizo para o nosso arquivo...

Ana Meira Vieira – Com certeza deitei fora, nós tínhamos uns jornais da greve que nós fazíamos, eu já não trabalho lá para aí há 18 anos ou mais e o sr. Gomes de certeza que já morreu há mais tempo...

Centro de Mar – Da sua família mais alguém trabalhava...

Ana Meira Vieira – Trabalhou a minha irmã, a Rosa Maria...

Centro de Mar – Na seca?

Ana Meira Vieira – Foi, mas já era contrato, já era melhor, já não era no tempo de mais escravidão, mas trabalhou, foi de contrato, a minha irmã trabalhou e a minha prima...mas a minha prima não está aqui, só está a minha irmã aqui, a minha irmã mais nova, olhe esta...está ali a que trabalhou, a Rosa Maria...

Centro de Mar – Estava ali a dizer-me uma senhora, esta aqui que trabalhou lá...

Ana Meira Vieira – Ui...essa trabalhou muitos anos, trabalhei com ela...magrinha...

Centro de Mar – Como é que ela se chama?

Ana Meira Vieira – Chama-se Rosa Faxineira, mora em Vila Fria, esta mora em Areosa com o companheiro, esta mora aqui com...esta mora aqui por trás já, esta mora na Areia, a Fernanda Carola mora lá em cima nas bouças, esta já morreu, esta também, esta mora em Anha....aqui ae a Tina, a Tina mora aqui já por trás e amora na Areia, esta mora em Anha e a Fernanda Carola mora nas bouças e eu moro aqui que sou esta...um outro também já morreu, morava aqui, já morreram muitas...está aqui uma que mora na Sr.^a das Areias, onde é que ela está? É esta...a Luz mora também ali para o talho, essa caiu abaixo das escadas fez agora 2 anos, a Augusta mora aqui em Darque mas também...daqui em geral já morreram quase todas...esta mora na Areia, esta mora em Anha, também trabalhou...este é o macaca, vê o tal, está ali... é o Manel e a minha irmã que está ali, também trabalhou, esta é a Tina mora lá em cima ali para os campos, esta também é de Anha, trabalhou, depois foi para a fábrica da ganga, deixou, pegava-se muito com o formiga, não se entendiam, pegou olhe...foi à vida...

Centro de Mar – Isso patrões, empregados...olhe dona Ana já temos aqui que chegue...

Ana Meira Vieira – Havia muita coisa mas já vai há tantos anos, olhe não sei se foi em 1990, foi antes de acabar o ano 2001, aí foi em 98 ou 99 que eu saí, saímos de lá...aos anos que vai...já nem me lembro...